

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
LABORATÓRIO DE GESTÃO EM SERVIÇOS DE SAÚDE

Pedro Avellar Villas-Bôas

TOTEM E TABU: A RELIGIÃO EM FREUD

Rio de Janeiro

2009

Pedro Avellar Villas-Bôas

TOTEM E TABU: RELIGIÃO EM FREUD

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola Politécnica de Saúde Joaquim
Venâncio como requisito parcial à aprovação
no curso técnico de nível médio em saúde com
habilitação em Gestão em Serviços de Saúde

Orientador: Marco Antônio Carvalho dos
Santos

Rio de Janeiro

2009

Pedro Avellar Villas-Bôas

TOTEM E TABU: RELIGIÃO EM FREUD

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola Politécnica de Saúde Joaquim
Venâncio como requisito parcial à aprovação
no curso técnico de nível médio em saúde com
habilitação em Gestão em Serviços de Saúde

Aprovado em __/__/2009.

BANCA EXAMINADORA

EXAMINADOR

EXAMINADOR

EXAMINADOR

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, pela paciência dedicação e ajuda, sem a qual, não seria possível a realização deste trabalho.

A Marco Antônio, que se dispôs a me ensinar o processo e o valor do trabalho científico

A escola, que tanto modificou minha visão do mundo e de mim mesmo, trazendo questionamentos e incentivando a busca pelo saber.

RESUMO

Esta monografia procura elaborar uma síntese comentada sobre o texto totem e tabu de Freud, tendo como premissa principal suas considerações acerca da religião. O trabalho aborda a religião desde os totens e tabus dos povos primevos, passando pelo desenvolvimento dos deuses corporificados até a era cientificista em que vivemos. Apresenta O mito do pai primevo, essencial para o nascimento da lei e da cultura no estudo freudiano e o complexo de Édipo, que será mais tarde eleito como o núcleo de grande parte das neuroses. Trata também da similaridade ocorrida entre neuróticos e selvagens, assim como os diferentes sistemas de pensamentos formulados ao longo da história do homem. Utiliza comentários de estudiosos da psicanálise a fim de levantar diferentes aspectos sobre o tema, assim como dicionários de psicanálise a fim de esclarecer conceitos marcantes da área.

Palavras-Chave: Totem, Tabu, religião, Freud.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 TOTEM E TABU	11
2.1 ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS, HISTÓRICOS E CULTURAIS DOS TOTENS E TABUS	11
2.2 O MITO DO PAI PRIMEVO: A NECESSIDADE DA LEI E O NASCIMENTO DA CULTURA	16
2.3 CRIME E LEI	17
2.4 NEURÓTICOS E SELVAGENS: MORTE E PROJEÇÃO	19
2.5 ANIMISMO : PRIMEIRO MODELO DE COMPREENSÃO DA REALIDADE	22
3 DE TOTEM A DEUS	27
3.1 TOTEMISMO: INÍCIO DA RELIGIÃO	27
3.2 A REFEIÇÃO TOTÊMICA	29
3.3 FASES RELIGIOSAS	30
3.4 RELIGIÃO E NARCISISMO	32
4 CONCLUSÃO	34
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia foi iniciada com o objetivo de entender a motivação religiosa, de forma a compreender as origens do fenômeno e seus processos de difusão pela sociedade. Inicialmente procurou-se obter uma visão abrangente do fenômeno religioso, através de abordagens diferentes: o econômico pela obra de Marx, o filosófico pela obra de Nietzsche e o psicológico pelos textos de Freud.

Com o desenvolvimento do trabalho tornou-se clara a impossibilidade de lidar com abordagens tão distintas, dado o volume da obra desses autores e a necessidade de estudos mais aplicados para um entendimento ampliado de suas teorias. Entretanto, conseguimos extrair algumas percepções importantes e apreender de uma forma geral a visão desses pensadores sobre o tema.

Na obra de Nietzsche a religião é encarada como uma fraqueza, uma diminuição do homem perante ele mesmo. Nietzsche idealiza o super-homem, aquele que em meio ao universo caótico em que estamos inseridos admitiria toda a dor e infelicidade que a vida nos expõe. O super-homem ou homem dionísico é aquele que aceita a vida tal como ela é, como sendo “(...) dor, luta, destruição, crueldade, incerteza, erro”. (ABBAGNO, 2000, p.160). Contrariamente à religião, que “camuflaria” tais sentimentos por ver a vida apenas pelos aspectos belos. Nietzsche ataca o cristianismo, principalmente em sua obra *O Anticristo* (2007), que para ele defenderia os fracos e malogrados, sendo contrário à ordem natural da vida, na qual os fracos devem perecer. A moral cristã teria nascido do ressentimento dos escravos, é a revolta dos escravos no plano imaginário, das idéias. Enquanto a moral aristocrática nasce de uma afirmação dela mesma, a moral dos escravos nasce da negação ao que são, ou seja, é fundada no exterior, “o não-ser escravo”, o que ressalta o ressentimento da classe. Em uma passagem descreve o motivo da crença religiosa, especificamente do catolicismo:

(...) é a expressão de um profundo mal-estar com o real... *Mas isso explica tudo.* Quem tem motivos para furtar-se *mendazmente* à realidade? Quem com ela sofre. Mas sofrer com a realidade significa ser uma realidade *fracassada*... a preponderância dos sentimentos de prazer é a *causa* dessa moral e dessa religião fictícias: uma tal preponderância transmite a fórmula da *decadência*” (NIETZSCHE, 2007, p.21)

Marx vê a religião como uma resposta, na esfera da imaginação, à opressão que a vida causa aos sujeitos, seja pelos aspectos sociais e políticos ou pelas limitações perante à

natureza. Assim a religião assume um significado dual, ela pode ser encarada como um mecanismo de mediação entre o homem e as forças extraordinárias, ou ser uma forma de conformismo diante de uma realidade superior ao poder da vontade desses homens. É do aspecto conformista que Marx passará a vislumbrar a religião como uma ferramenta de sujeição, e conseqüentemente de alienação. Segundo o artigo “O ópio e o Real”, de Máximo Augusto Campos, o rompimento com a religião representa o rompimento com a passividade política, quando o conformismo é deixado de lado e os homens passam a intervir na política ativamente. Dessa forma, caracteriza a religião como uma ilusão que se aproveita de um ambiente propício. Sendo assim, só com o desaparecimento de tais condições sociais para a inserção dessa ilusão faria com que houvesse modificações nas crenças humanas. Na perspectiva comunista, tal como aparece no Manifesto Comunista (2006) no que tange à luta de classes, a religião se apresentaria como o “ópio do povo”, um certo auxílio burguês. A religião manteria as evidentes relações desiguais entre o proletário e os donos dos meios de produção, de modo a evitar o levante das classes oprimidas, difundindo valores que pregassem a manutenção da sociedade da maneira em que se encontrava.

Freud foi estudado mais a fundo através do seu texto Totem e Tabu, suposto no início como o mais esclarecedor sobre a percepção de Freud sobre a religião, apesar de textos como Mal-Estar na Civilização e O futuro de uma ilusão também terem sido lidos. Nessa obra, Freud, ao estudar trabalhos de Frazer, Wundt e Durkheim, elabora um estudo dos povos antigos e relaciona seus hábitos e práticas às dos neuróticos obsessivos. A religião é vista como uma neurose infantil, comparando-a ao apego pelo pai da infância direcionado agora aos céus, sob a forma de divindade. A principal formulação desse texto é o mito do pai primevo, no qual se imagina uma comunidade primitiva onde o pai é possuidor de todas as mulheres. Os filhos também as desejam, entretanto, são proibidos pela autoridade paterna de possuí-las. A prole, insatisfeita com o monopólio do pai sobre as mulheres, decide matá-lo. Apesar de odiarem o pai por não permitir a realização de seus desejos sexuais, também o amavam. Dessa forma, ao matá-lo são tomados pelos sentimentos de alegria e culpa. O pai é colocado na posição de totem, uma divindade, como forma de diminuir a culpa dos assassinos e de mantê-los sob alguma proteção perante as ameaças que a vida impõe. Assim cada um deles abdica da posição de possuidor de todas as mulheres, já que tal processo levaria à morte de todos. Nesse momento dois tabus são instituídos: primeiramente o de não matar o animal totêmico e o segundo, a proibição do incesto. Se algum dos filhos obtivesse o monopólio, isto é, tomasse o lugar do pai os demais se sentiriam desprivilegiados e o matariam.

O poder do pai morto se tornara mais forte, já que quando vivo fora atacado e morto. Agora, colocado sob a forma de divindade pelos filhos (forma de totem), sua ordem é respeitada e os tabus são estabelecidos, é o que se chama de 'obediência adiada'. O mito do Totem e Tabu determina a necessidade da interdição simbólica sob a forma de lei, promovendo o início da cultura, da vida social. O aspecto da transmissibilidade e o significado dual dos tabus serão abordados no primeiro capítulo dessa monografia, além de uma análise mais elaborada do mito do pai primevo.

Para dar continuidade ao trabalho, foi necessário reduzir a abrangência do tema, restringindo-o somente à religião na obra Totem e Tabu. O texto foi escolhido por formular, através da experiência clínica, o mito do pai primevo que gera a necessidade de expiação do crime primordial e demanda de proteção dos filhos dos perigos do meio natural e social. Freud irá estruturar uma série de fases religiosas, principiando pelo crime cometido pelos filhos primevos, através de uma compreensão histórica, traçando os períodos animista, religioso e cientificista.

Ao se iniciar um estudo de psicologia é evidente a grande quantidade de termos específicos e processos que necessitam serem entendidos para que se atinja um nível aceitável de compreensão. Para tanto, as obras de Charles Brenner, Dicionários de Psicanálise e autores como Gabriel García-Roza foram utilizados a fim de esclarecer os conceitos pertinentes à psicologia, já que o texto demanda um domínio teórico da psicanálise para o entendimento das relações que expõe.

O projeto inicial previa uma abordagem da religião pelos aspectos sociais e econômicos. No aspecto econômico, foi iniciada uma leitura de Max Webber, sem muitos avanços. No aspecto social, livros como "O queijo e os vermes" que caracterizam a força da Igreja Católica no período da Inquisição foram utilizados, abordando a religião como detentora de poder regulador e interventor.

Totem e Tabu, porém, mostrou-se muito mais rico que no início, pois depois de repetidas leituras, uma série de nuances antes não percebidas revelaram-se importantes para a compreensão do texto. Com a leitura de outras obras sobre psicanálise e diversos textos de Freud foi possível perceber a riqueza de detalhes e ligações que se encontram no próprio Totem e Tabu e que se mostram valiosos para entender sua lógica estrutural.

Na apresentação do projeto, a banca se mostrou preocupada com o grande número de objetivos a serem cumpridos num espaço de tempo tão curto. O que se tornou, na verdade, uma realidade. Inicialmente foi contestada a adoção de Totem e Tabu como texto principal da religião. Em certas obras, como "Freud & a Religião" de Sérgio Nazar David, Totem e Tabu

não é citado como obra principal sobre o assunto. Na mesma sintonia, foi apresentado um texto de Jurandir Freire Costa que também não coloca Totem e Tabu como sendo uma das teses essenciais para o entendimento da religião em Freud, pelo contrário, diz até que atinge o tema de forma indireta. Inclusive neste artigo, Jurandir Freire descreve a impossibilidade do mito primevo já que, segundo sua visão, Freud coloca a família precursora à ordem da lei, da cultura. Isso porque anterior ao assassinato do pai, já havia uma ordem posta, uma família, já se tinha a noção de filho e pai, o que é característico da cultura. Também foi indicada a leitura de Hélio Pellegrino, psicanalista e estudioso do marxismo que trataria da religião também pelas duas vertentes, possibilitando pensamentos interessantes sobre o assunto proposto.

Totem e Tabu possui um sentido muito mais amplo do que tratar a religião, é verdade. O texto dialoga de forma riquíssima com a clínica. Freud não elabora o mito para entender os processos clínicos ou o sentido da religião. Pelo contrário, é através de suas experiências na clínica e do contato com estudos sobre as tribos selvagens que tenta elaborar um momento em que de fato, o desejo incestuoso veio a ser interditado pelo remorso e a necessidade de sobrevivência entre os irmãos. Não necessariamente houve um dado momento em que os filhos se revoltaram e mataram o pai. Como mito, sua função é muito mais de esclarecer que a lei e a cultura nascem juntas, do que propriamente de indicar o momento preciso que isto ocorre, visto ser impossível dada a distância histórica.

As fases históricas a que Freud se refere mais tarde no texto serão vistas como as fases narcísicas, nas quais o homem passa cada vez mais perder a onipotência de pensamentos, dada a satisfação de desejos pelos elementos externos, porém sem nunca deixar totalmente o narcisismo.

Segundo o artigo de Jurandir, a obra de Freud sobre a religião se dividiria em duas partes antagônicas: uma vertente declara que a religião teria surgido do remorso pela morte do pai enquanto outra teria surgido da necessidade maior de proteção da figura paterna. Freud deixa claro em Totem e Tabu que o animismo, tido como o princípio da religião, teria surgido do ressentimento da tribo, ou seja, do remorso da morte do pai, no entanto é originário também da necessidade de proteção contra os perigos. Já que argumenta que a religião é uma neurose infantil, é evidente que a figura paterna da tenra infância não é mais capacitada o bastante para proteger o sujeito de todos os perigos que o cercam nas relações com outros indivíduos e as incontroláveis forças naturais.

O estudo da religião em Totem e Tabu demanda um entendimento de vários aspectos diferenciados da psicanálise. A compreensão da dualidade emocional direcionada a tudo que envolve desejo é fundamental para entender não somente a ambivalência em relação ao pai,

mas a tudo que nos envolvemos, tendo sempre subjacente um desejo inconsciente. É a partir desse desejo inconsciente que podemos perceber a necessidade de autopunição e culpa, através do cerimonial de luto, do remorso, e da angústia.

O trabalho passou a se concentrar na busca, em Totem e tabu, de elementos capazes de contribuir para a compreensão do fenômeno religioso segundo Freud. Assim, a monografia apresentará uma síntese comentada do texto escolhido focando no aspecto da religião.

2 TOTEM E TABU

2.1 ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DOS TOTENS E TABUS

Em Totem e Tabu Freud expõe a presença do totemismo e dos tabus em diversas vivências culturais das sociedades antigas. O totemismo é uma prática na qual as tribos (clãs) se dividem de acordo com seu totem específico. O totem pode ser um animal, um vegetal ou mesmo um fenômeno físico (a chuva, por exemplo), que guarda alguma relação com o clã, representando o passado desse determinado grupo, garantindo-lhe resguardo e proteção. Apesar de ser muito perigoso e poderoso, o totem protege a todos os integrantes daquela tribo. Os pertencentes à tribo por sua vez, tem como compromisso não matar nem comer a carne desse animal totêmico.

Em todos os lugares em que foram encontrados totens, havia também leis contra as relações sexuais entre pessoas do mesmo totem e conseqüentemente, contra o casamento entre elas, ou seja, a exogamia. Os indivíduos que transgredissem essa regra eram severamente punidos, em muitos casos com a pena de morte. No casamento entre dois indivíduos de clãs diferentes, por exemplo, os filhos do casal pertenciam ao clã da mãe, dessa forma impedindo-os de se relacionarem sexualmente com a genitora ou a irmã. Esta proibição vela pela manutenção de uma determinada ordem, visto que se a prole pertencesse a clãs diferentes possibilitaria a relação sexual com os pais e entre si.

Já o significado de tabu é divergente em dois sentidos: em um aponta para o ‘sagrado’, enquanto em outro denota um sentido ‘misterioso’, numa acepção de algo ‘proibido’. As restrições impostas pelo tabu não são de ordem moral ou religiosa, elas se afirmam em si mesmas, não tem fundamento nem origem conhecida. A punição pela transgressão de um tabu originalmente era executada pelo próprio tabu, isto é, o fato de alguém portar o tabu de antemão traria infortúnios a ele mesmo. Em outros casos, o próprio clã punia o infrator de tal modo que podemos aludir o tabu aos primeiros sistemas penais humanos. Nas palavras de Freud:

“A punição pela violação de um tabu, era sem dúvida, originalmente deixada a um agente interno automático: o próprio tabu violado se vingava. Quando, numa fase posterior, surgiram a idéia de deuses e espíritos, com quais os tabus se associaram, esperava-se que a penalidade proviesse automaticamente do poder divino. Em outros casos, provavelmente como resultado de uma ulterior evolução do conceito, a própria sociedade encarregava-se da punição dos transgressores, cuja conduta levava

seus semelhantes ao perigo. Dessa forma, os primeiros sistemas penais humanos, podem ser remontados ao tabu (FREUD, 1988, p.40)

Os tabus são proibições que foram externamente impostas por uma geração anterior de homens primevos, por meio da força. Essa proibição passa então a ser levada de geração a geração. O desejo de fazer a coisa proibida, transgredir a lei, no entanto se mantém vigente entre as tribos em causa, o que indica a existência de uma relação ambivalente com os seus tabus. Em seu inconsciente possuem vontade de violar, mas temem fazê-lo, e o medo é mais forte que o desejo. De fato, os dois tabus universais, ou seja, não matar o animal totêmico e não ter relações sexuais com membros da mesma tribo são os dois maiores e mais antigos desejos do homem e formam o núcleo das neuroses. O desejo, portanto, está inconsciente em cada membro da tribo, da mesma maneira que está nos neuróticos.

Freud conduz a discussão até o ponto de concluir que a base do tabu é uma ação proibida movida por forte inclinação do inconsciente. Aquele que viola um tabu torna-se ele próprio um tabu, isso porque desperta nos demais a vontade de imitá-lo. Porém, pessoas podem ocupar o lugar de tabu pelo estado em que estão ou pela posição que ocupam. Um rei, por exemplo, desperta nos súditos grande inveja pelos seus privilégios na medida em que carrega em si grande quantidade de mana¹, energia que pode provocar naqueles o conflito de ambivalência. Essa carga pode ser subtraída de uma pessoa para outra, de forma que diferenciações muito grandes de mana irão formar o tabu, e, conseqüentemente, o desejo de violá-lo. Dessa forma, algumas pessoas possuem maior dose de poder do que outras, poder transferível pelo contato e quanto maior essa diferença entre elas, mais perigo trará a esse toque. Aquele ou aquilo que adquirir esse poder tornar-se-á também proibido. Explicitaremos essa questão abaixo:

“Pessoas ou coisas consideradas como tabu podem ser comparadas a objetos carregados de eletricidade; são a sede de um imenso poder transmissível por contato e que pode ser liberado com efeito destrutivo se os organismos que provocam sua descarga são fracos demais para resistir a ele; o resultado da violação de um tabu depende em parte da força da influência mágica inerente ao objeto ou pessoa tabu, em parte da força do mana antagônico do violador do tabu.” (FREUD, 1988, p.40)

O não cumprimento de um tabu deve ser acompanhado de uma punição. Tal ato é necessário para a manutenção de uma ordem, pois caso os membros não penalizassem o infrator entrariam em contato com o próprio desejo de agir de forma semelhante ao

¹ mana – De acordo com o Dicionário Aurélio Buarque de Holanda trata-se entre os melanésios de um conjunto de forças sobrenaturais provenientes dos espíritos e que operam num objeto ou numa pessoa.

transgressor. Dessa forma, a violação do tabu remonta à energia do mana que corresponde a dois poderes: o poder de fazer os indivíduos se lembrarem de seus verdadeiros desejos proibidos, e, sobretudo, de transgredi-los.

Em suma, o tabu é uma proibição que advém da imposição de alguma autoridade externa. O desejo de violá-lo persiste no inconsciente, logo está inacessível. Aqueles que seguem o tabu possuem um sentimento ambivalente em relação ao que ele proíbe, isto é, ao mesmo tempo em que nutrem respeito, veneração e medo pelo tabu e suas observâncias desejam transgredi-lo. O grande poder do tabu é provocar a tentação e atuar como um elemento de contágio.

Ao estudar os tabus das comunidades antigas, Freud os organizou em três grupos: os tabus referentes aos mortos, aos governantes e aos inimigos. Nesse estudo é possível compreender mais claramente o caráter de transmissibilidade do tabu assim como o desejo de infringi-lo pelos demais membros da tribo.

Ao fazer referência ao tabu de tratamento aos inimigos, isto é, quando um deles é assassinado, Freud descreve uma série de particularidades que acompanham a morte e estão incluídas entre as práticas do tabu. Essas práticas podem ser organizadas em quatro grupos. “Elas exigem: (1) o apaziguamento do inimigo assassinado, (2) restrições sobre o assassino, (3) atos de expiação e purificação por parte dele e (4) certas observâncias cerimoniais.” (FREUD, 1988, p.56).

Como exemplo, Freud utiliza a tribo dos Gallas, da África Oriental, que ao voltarem da guerra ofereciam sacrifícios a certos espíritos. Esses espíritos eram os protetores dos inimigos mortos, de forma que a oferenda era feita para que não sofressem com os males porventura causados pelos deuses, aplacando assim sua fúria.

Podemos perceber, portanto, que os impulsos direcionados aos inimigos não são unicamente hostis. São também manifestações de remorso, valorização, admiração e de culpa por havê-los matado. É compreensível que a idéia do mandamento ‘Não matarás’ tenha sido preexistente a qualquer tábua de leis, provinda de orientações divinas, deixando claro que se tal ordem fosse transgredida, haveria certamente punições aos infratores. Percebemos, nesse caso, o caráter ambivalente dos tabus voltado para a relação tanto de ódio quanto de remorso para com o morto.

Àquele que assassinava selvagens de outras tribos eram impostas restrições severas. Muitas vezes colocado isolado da tribo, vivendo em local separado e impedido de ter contato com qualquer outro membro. A proibição imposta se devia à crença de que o assassino se transformava no detentor do tabu podendo, portanto, através do aspecto da transmissibilidade

contagiar os demais membros da tribo. Após certo período de tempo, quando a sociedade julgasse que o assassino estivesse puro, não mais representando o temeroso tabu, ele poderia se incorporar novamente à tribo.

O tabu em relação aos governantes facilita o entendimento da diferenciação de mana entre os sujeitos de uma comunidade. O governante está coberto por um poder mágico e misterioso transmitido por contato, não devendo ser somente protegido, mas também se proteger contra seu próprio poder. Qualquer outro membro que entrasse em contato com o rei teria como destino a ‘morte’ ou a ‘ruína’, caso não tivesse ele próprio quantidade de mana suficiente para amenizar a diferença de energia mística. Assim, com o tempo foi necessário isolar esses líderes dos demais indivíduos da comunidade, tornando-os distantes ou mesmo inacessíveis. Nos dias atuais, tal hábito de distanciar os líderes também se faz presente através do cerimonial da corte.

A contradição do poder do rei desperta considerações interessantes, pois apesar de serem governantes, com poderio ilimitado em seus ambientes, devem ser protegidos contra os demais indivíduos e também de si mesmos. Além da proteção que cerca o líder há também o julgamento do povo sobre as ações do personagem real primevo, que não acredita apenas na sua boa fé ou considera suas ações sempre corretas e benéficas à população. A desconfiança é uma das razões para as observâncias que cercam o rei.

Assim, as tribos primevas guiam-se por dois princípios: primeiramente o de proteger o rei que lhes é caro e respeitado, mas também de se protegerem do próprio. O rei é visto como o ser mais próximo de uma divindade, logo, deve ser protegido de todos os perigos mesmo tendo grande força e sendo temido por todos. Porém, o principal cuidado do povo em relação ao chefe diz respeito à constante vigilância sobre os atos daquele que os lidera. Isso porque, segundo Frazer, o povo exerce total direito de cobrar do governante a realização de atos que visem o benefício da tribo. Dessa forma, quando um homem se torna governante assume também a responsabilidade de todos os infortúnios que venham a ocorrer ao seu povo. Etiquetas cerimoniais e proibições, por exemplo, não servem para fornecer conforto, mas fundamentalmente são defesas para evitar ações do soberano que podem envolver seu povo em uma catástrofe. Desventuras ou uso de um poder despótico desmedido podem causar reações na tribo que significariam revoltas contra o poder real. Nesse caso, o governante será caçado como um criminoso.

Podemos constatar que não existem apenas sentimentos de respeito e admiração pelos governantes. Freud salienta que “(...) além de um sentimento predominante de afeição, existe também uma corrente de hostilidade contrária, mas inconsciente.” (FREUD, 1988, p.70),

assim usa como exemplo os selvagens de Serra Leoa, que permitiam espancar o novo governante quando ele assumisse o trono. Muitas vezes, o recém promovido a rei, morria durante o cerimonial de iniciação. O cargo foi se tornando temido por todos e os escolhidos muitas vezes eram aqueles que a população menos se identificava ou sentia algum tipo de rancor.

O tabu não somente exaltará o rei e o colocará acima de todos os demais mortais. Trará também uma vida atormentada e cheia de proibições, reduzindo sua vida a uma servidão quase insustentável, pior que a de seus súditos.

O terceiro tabu explicitado por Freud diz respeito à relação com os mortos. É nesse ponto que aborda a questão da infecção proveniente justamente do corpo dos mortos e seu caráter transmissivo. As manifestações do tabu aparecem principalmente nas conseqüências posteriores ao contato com o defunto e no tratamento dos que o pranteiam.

Um exemplo é o costume comum aos maoris, no qual qualquer um que tivesse manuseado um cadáver ou participado de alguma forma de enterro tornava-se impuro (ganhando também a característica do tabu, pela transmissibilidade de contato) e era isolado do resto dos membros. Ninguém poderia ter qualquer tipo de contato, apenas após certo tempo de reclusão e somente quando os demais considerassem o pranteador suficientemente puro poderia voltar ao ambiente familiar. O grau de proibição varia também de acordo com a quantidade de mana possuída pelo infectado. Caso um selvagem tocasse num chefe morto, ficaria impuro por cerca de dez meses, enquanto se o que tocasse fosse também chefe, a impureza se manteria somente por três meses.

Outra característica importante diz respeito ao nome do falecido que após a morte torna-se impronunciável. A pena por pronunciar o nome de um parente morto, é similar à de um assassinato. A fim de evitar tal penalidade, muitas vezes troca-se o nome por outro. Se for o nome de um animal ou objeto comum, as tribos mudam a denominação também daquele objeto ou animal, para evitar qualquer menção ao ente querido.

Como Freud caracteriza que “o sistema totêmico (...) é um produto das condições em jogo do complexo de Édipo” (FREUD, 1988, p.159), faz-se necessário um breve comentário sobre o tema a fim de contribuir para a compreensão do mito do pai primevo, mito principal trabalhado no texto Totem e Tabu, para o entendimento da necessidade da religião e início da sociedade. Será explicitado apenas o complexo de Édipo que ocorre nos homens, dado que aquele que ocorre nas mulheres possui mais deslocamentos e maior complexidade.

Na tenra infância, os primeiros anseios da criança são direcionados para a mãe ou para aquele que cuida dela, já que o ser humano não pode sobreviver sozinho, diferentemente de

certos animais. O complexo de Édipo consiste basicamente na relação de desejo pela mãe (quando vive a fase fálica²) e sentimento ambivalente em relação ao pai, dado que apesar de amá-lo e tê-lo como protetor, o odeia por cercear seu objeto de desejo, isto é, a mãe. Incesto e parricídio, ou seja, a tentativa do bebê de completar a mãe e eliminar aquilo que impede essa completude estão no centro dos desejos da infância e dominam a relação das crianças com seus pais. Tais crimes são abominados, inclusive, nas sociedades primitivas.

2.2 O MITO DO PAI PRIMEVO: A NECESSIDADE DA LEI E O NASCIMENTO DA CULTURA

Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando assim um fim à horda patriarcal. Unidos tiveram coragem de fazê-lo e foram bem sucedidos no que lhes teria sido impossível fazer individualmente. (Algum avanço cultural, talvez o domínio de uma nova arma, proporcionou-lhes um senso de força superior.) Selvagens canibais como eram, não é preciso dizer que não apenas matavam, mas também devoravam a vítima. O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força. A refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião. (FREUD, 1988, p.170)

Este é o mito do pai primevo, considerado por Lacan o maior mito do século XX e tem como objetivo elucidar o nascimento da cultura e da lei, a partir da interdição do incesto. No mito, Freud cria uma comunidade patriarcal e despótica na qual o pai é possuidor de todas as mulheres. Os filhos também as desejam, entretanto, são proibidos de possuir todas as mulheres devido ao autoritarismo paterno. A prole, insatisfeita com o monopólio do pai sobre as mulheres, decide matá-lo. Apesar de o odiarem por não permitir a realização de seus desejos sexuais, também o amavam. Dessa forma, ao matá-lo são tomados pelos sentimentos de alegria e culpa. O pai é colocado na posição de totem, uma divindade, como forma de diminuir a culpa dos assassinos e de mantê-los sob alguma proteção perante as ameaças que a vida impõe. Assim cada um deles abdica da posição de possuidor de todas as mulheres, já que tal processo levaria à morte de todos. Se algum dos filhos obtivesse o monopólio, isto é, tomasse o lugar do pai os demais se sentiriam desprivilegiados e o matariam. Nesse momento duas leis são instituídas: incesto e parricídio.

² Fase fálica- Tanto na menina como no menino, essa fase sucede as fases oral e anal, em uma unificação das pulsões parciais sobre a região genital (CHEMAMA, p. 73)

O poder do pai morto se tornara mais forte, já que quando vivo fora atacado e morto. Agora, colocado sob a forma de divindade pelos filhos (forma de totem), sua ordem é respeitada e os tabus são estabelecidos, é a chamada “obediência adiada”. O mito do Totem e Tabu explica o início da sociedade e da cultura.

A invenção do mito do pai primevo possibilita, sobretudo, explicar a necessidade da lei e da interdição que determina a distinção entre natureza e cultura. Só a partir de uma interdição simbólica surgem simultaneamente crime e lei, e o estudo do mito comprova essa questão. Freud descobriu o Complexo de Édipo através da experiência clínica “ao escutar o desejo recalçado³ no inconsciente. Também foi através dela que conseguiu traçar um paralelo cuidadoso entre os tabus e as práticas obsessivas dos neuróticos” (BARRA, 2004).

Birman afirma que para inscrever de forma simbólica a figura do pai morto no psiquismo, que nada mais é do que a lei, o pai necessita ser assassinado por um ato infantil que assim o faça perder sua onipotência e “revele que o poder que lhe era atribuído na verdade lhe transcende, dado que é na palavra que se funda a relação entre os diferentes sujeitos na instituição da ordem simbólica” (BIRMAN, 1988, p.138).

Freud verificou no decurso desse estudo que matar o animal totêmico (que a psicanálise revelou ser um substituto do pai) e ter relações com membros do clã totêmico do sexo oposto são, portanto, os dois mais antigos e poderosos desejos encontrados nas sociedades primitivas. Ele constata que ambos estão no centro dos desejos da infância constituindo o núcleo das neuroses.

2.3 CRIME E LEI

Através da análise do mito do pai primevo percebemos que crime e lei nascem juntos, dado que após o remorso dos assassinos a lei foi instituída. Interessante é pensar que a ambivalência é característica marcante não somente dos tabus, mas também em tudo que desejamos. A ambivalência é caracterizada como a “Disposição psíquica do sujeito, que sente ou manifesta, simultaneamente, dois sentidos, duas atitudes opostas em relação a um mesmo objeto, a uma mesma situação” (CHEMAMA, p. 11). Entre essas disposições podemos caracterizar amor e ódio, como no caso da relação do filho com o pai, ou mesmo de intenso respeito e desejo de infringir, como no caso dos tabus. O desejo subjacente é da ordem do

³ Recalque- processo de afastamento das pulsões às quais é rejeitado o acesso à consciência (CHEMAMA, p.185)

inconsciente, por isso não consegue ser alcançado nem é perceptível fora do olhar psicanalítico.

No início deste capítulo foi afirmado que os tabus remontam aos primeiros sistemas penais humanos. A afirmação é feita porque a punição nasce da tentativa de despojar o criminoso do seu ganho ao transgredir a lei, a fim de evitar que os demais se sentissem desprivilegiados e fossem tentados a executar a mesma ação. Assim, somente através da punição a ordem pode se manter estável, conservando a lei e evitando a repetição do crime primordial. A lei vem para transformar a sociedade antes patriarcal em fraternal, de maneira que há um simbolismo que determina uma proibição necessária para a sobrevivência de todos.

É importante ressaltar que não há cultura nem lei antes da morte do pai, ambas surgem posteriormente à sua morte. A inexistência de um acordo fraterno permitiu que os filhos infringissem as regras impostas, o que resultou na morte do patriarca. Podemos tomar como exemplo o caso do tabu em relação aos governantes em que o rei, embora possa utilizar um poder acima dos demais, está sob júdice da população que aceita tal forma de governo e emite juízo de valor sobre o que ocorre. Caso a insatisfação seja geral, a vontade da sociedade será superior à do governante.

Segundo a concepção da psicanálise as leis existem somente para punir ações em que há forte inclinação do inconsciente, pois o que a própria natureza proíbe e pune (ter queimaduras por colocar a mão no fogo), não necessita do auxílio da lei. Assim, as leis proíbem ações que os seres humanos têm fortes propensões a executar. Dessa forma, podemos estender essa percepção ao chamado 'horror ao incesto', compreendendo que existe um impulso sexual humano que é censurado por uma proibição, isto porque, segundo estudos da psicanálise, as primeiras excitações sexuais são de caráter incestuoso. É por esse raciocínio que os dois principais e universais desejos humanos são justamente os proibidos pelas primeiras leis, não matar o animal totêmico (que representa, na verdade, a figura do pai) e não ter relações incestuosas.

Este é um dos fundamentos do sistema penal humano, ou seja, baseia-se na pressuposição de que os impulsos proibidos são encontrados tanto no criminoso como na comunidade que se vinga. Nesse momento, pode-se confirmar o costumeiro pronunciamento dos piedosos: "todos nós não passamos de miseráveis pecadores". Assim a sociedade se aproveita do ato criminoso para, sob a forma de punição do transgressor, satisfazer os próprios desejos inconscientes que tenta reprimir em cada um dos criminosos.

2.4 NEURÓTICOS E SELVAGENS: MORTE E PROJEÇÃO

Freud caracteriza a religião como uma neurose infantil. A neurose aqui deve ser entendida como uma das estruturas clínicas pela qual o sujeito responde à castração. E o que quer dizer a assertiva mencionada? A mesma neurose que constituía a figura protetora do pai da infância será transmutada para a figura de Deus, quando o primeiro não for mais capaz de exercer sua função completamente. Em um determinado momento o pai da infância, que protegia a criança dos perigos que a cercavam, não é mais forte o suficiente, sendo necessário para o sujeito erigir um pai todo-poderoso capaz de protegê-lo do desamparo e dos infortúnios de ordem natural e social.

A neurose obsessiva e os tabus têm ligações interessantes. Ambos não possuem motivo aparente tendo assim, origens misteriosas. São mantidos por um medo irresistível sendo desnecessária uma ameaça externa de punição, já que por si só possuem a convicção de que a violação do tabu trará conseqüências terríveis. A fobia do contato na neurose se mantém da mesma forma como ocorre no tabu, não somente no tocante ao contato físico, mas também no plano dos pensamentos. As proibições obsessivas tendem ao deslocamento, ou seja, se estendem de um objeto a outro, tornando proibido o que está a sua volta. O tabu também apresenta essa mesma característica de contato, à medida que aquele que viola o 'proibido' torna-se também 'proibido'. Tanto as neuroses como os tabus podem criar atos cerimoniais, como ações que devem ser realizadas com a finalidade de suspender as proibições. Essas ações se transformam numa obrigação de realização, se configurando em atos compulsivos ou obsessivos.

Podemos nesse momento nos referir a um caso clínico citado por Freud nesse mesmo texto, no qual aborda a conexão entre a fobia de contato e a neurose obsessiva. Freud recebeu em seu consultório um paciente que relatara ter um forte desejo surgido na infância de tocar os próprios órgãos genitais, que fora reprimido por uma proibição externa. A criança aceita tal proibição com o objetivo de encontrar força no meio interno, isto é, na relação com os autores da mesma. A proibição, porém, não se faz forte a ponto de desfazer a pulsão⁴, a única forma de evitar o desejo é bani-lo para o inconsciente, porém ele ainda persiste. No momento em que a barreira proibitiva cessasse, tal desejo penetraria no consciente. Assim se configura uma situação ambivalente, pois ao mesmo tempo em que o desejo de tocar persiste também o ódio ao ato está presente. Há um constante movimento do desejo para fugir desse impasse, se

⁴ Pulsão - Na teoria analítica, energia fundamental do sujeito, força necessária ao seu funcionamento, exercida em sua maior profundidade (CHEMAMA, Roland pág. 177)

transpondo a outros objetos e sendo rapidamente acompanhado pela proibição. “Qualquer novo avanço feito pela libido reprimida é respondido por um novo aguçamento da proibição”. (FREUD, 1988, p.50)

A similaridade entre as práticas dos neuróticos e dos selvagens se torna clara no momento em que ambos desejam fazer a coisa proibida, mas são refreados por proibições. Dessa forma, tanto nos neuróticos quanto nos selvagens com os seus tabus há um constante movimento, que ocorre por deslocamento, no sentido de transferir o desejo para outro objeto na tentativa de fugir de tais proibições que, paradoxalmente, só se fortalecem. O desejo de infringir a lei está presente, pois não há lei sem desejo. Este se encontra no plano do inconsciente e se mantém latente tanto nos selvagens quanto nos neuróticos.

Como foi esclarecido anteriormente, os nomes possuem grande importância para os selvagens. Os neuróticos obsessivos comportam-se similarmente aos selvagens em relação aos nomes. Ambos apresentam um alto grau, nas palavras de Freud, de ‘sensibilidade complexiva’ no que diz respeito a falar ou ouvir palavras e nomes que lhes impõe uma série de inibições. Este temor se baseia na suposição de que o parente amado ao morrer, se transformaria num demônio, que traria desejos perversos e má sorte para os que se mantivessem vivos. Logo, deveriam se proteger do mesmo com todos os recursos possíveis.

A morte é vista como o pior dos acontecimentos pelos primevos, portanto o pensamento dos vivos é que os mortos estão extremamente insatisfeitos com seu infortúnio. Segundo as idéias primitivas, uma pessoa só morreria se fosse de fato morta por magia ou por força física e não por causas naturais. A alma então, se encontraria raivosa e com intenções vingativas. Possuiria inveja dos vivos e sentiria falta de seus amigos. Por conseguinte, enviaria doenças e maus agouros para que os outros viessem a falecer. Podemos perceber que sempre há um retorno daquilo que um dia foi desejado e proibido.

Freud esclarece que “Em quase todos os casos em que existe uma intensa ligação emocional com uma pessoa em particular, descobrimos que por trás do terno amor há uma hostilidade oculta no inconsciente” (FREUD, 1988, p.82). Assim pode-se entender o motivo da transformação da alma dos mortos em demônios e a necessidade de proteção dos vivos. Justamente por haverem amado tais mortos, possuíam uma relação de ambivalência para com os mesmos, desejando também a sua morte. Quando ela de fato se consolida, aparece um sentimento ambivalente, isto é, tanto de felicidade pelo desejo realizado, quanto de remorso por haverem desejado a morte daqueles que tanto amavam. O tabu em relação aos mortos nasce fundamentalmente do contraste entre o sofrimento consciente e a satisfação inconsciente pela morte que ocorreu. Assim, aqueles que eram mais próximos ao morto

temerão mais os infortúnios trazidos pelo demônio, aqueles que eram mais próximos ao morto. Neste caso, a projeção aparece como um mecanismo para lidar com o conflito psíquico.

Duas estruturas psíquicas opostas estão na raiz da ambivalência: o medo dos demônios e fantasmas e a veneração dos ancestrais. O trabalho de luto tem uma função importante, qual seja efetuar o desligamento das lembranças e esperanças dos sobreviventes dirigidas aos mortos. À medida que essa tarefa é realizada, o sofrimento diminui juntamente com o remorso e as autocensuras, acompanhado do medo dos demônios. Os espíritos antes tratados como demônios maléficos, agora podem encontrar um tratamento amistoso sendo vistos como ancestrais, para os quais são dirigidas preces em busca de ajuda.

No tabu sempre está implícita uma dualidade e as proibições dele provenientes, portanto, devem ser vistas como consequência de uma ambivalência emocional. A consciência tabu, ou seja, o senso de culpa proveniente da violação do tabu é a forma mais remota em que se encontra o fenômeno da consciência.

A consciência é a percepção interna da condenação de um ato pelo qual realizamos um determinado desejo. A autocensura se justifica na medida em que o sujeito reconhece ter cometido algo que não deveria ter sido realizado. Freud explicita que a consciência teria surgido de uma ambivalência emocional, sob as mesmas condições que o tabu e as neuroses obsessivas. Um dos sentimentos opostos nessa ambivalência é da ordem do inconsciente e foi mantido sob recalque pela dominação compulsiva de um outro. A culpa aparece na forma de angústia, e esta aponta para fontes inconscientes, “O caráter de angústia que é inerente à sensação de culpa corresponde ao fator desconhecido” (FREUD, 1988, p.91).

Quanto ao aspecto do castigo observamos mais uma semelhança entre o neurótico e o selvagem. Nos povos primitivos há o temor de que uma violação seja seguida de uma punição. A punição se dirige sobre aquele que foi responsável por violar o tabu. Nas neuroses obsessivas Freud observou que o paciente teme que, ao efetuar uma ação proibida, o castigo não caia sobre si mesmo, mas sobre outro sujeito. Dessa forma, o neurótico se mostra altruísta, enquanto o homem primitivo mostra um caráter individualista. Podemos perceber, portanto, que no início da neurose o castigo aplicava-se ao próprio sujeito, e, posteriormente, é repassado a uma pessoa amada. Na raiz da proibição existe um impulso hostil contra alguém que o sujeito ama, esse impulso é reprimido por uma proibição e esta se liga a um ato hostil, que por deslocamento pode representar um ato contra a pessoa amada. O medo inicial de morrer passa agora para o medo de que a pessoa amada morra. Isto porque, através do deslocamento da neurose para uma determinada ação que significaria a morte da pessoa

amada, o neurótico se sentiria culpado, pois de fato havia desejado a morte. Logo, o deslocamento se dá do medo da própria morte, para o medo da culpa por desejar a morte de um ente querido. “Assim é que, quando a neurose parece ser tão compassivamente altruísta, está simplesmente compensando uma atitude subjacente contrária ao próprio egoísmo” (FREUD, 1988, p.94).

Podemos, nesse momento, chegar a uma importante conclusão: os espíritos e demônios são apenas projeções das próprias pulsões dos homens. Os humanos transformam suas catexias emocionais em pessoas, de maneira que enfrentam seus processos mentais internos fora deles mesmos. Eles abrem mão da onipotência para dar vida e poder às suas criações fantasiosas. Essa projeção é efetuada com o objetivo de gerar alívio mental. As projeções nascem dos conflitos mentais como, por exemplo, da morte de um parente amado. A ambivalência de sentimentos em relação ao ente morto faz com que o conflito emocional vivido seja aliviado por uma projeção. Assim, a primeira realização teórica do homem, a criação dos espíritos, parece ter surgido da mesma fonte que as primeiras restrições morais e as observâncias do tabu.

“A posição dos sobreviventes em relação aos mortos foi realmente o que primeiro levou o homem primitivo a refletir e compeliu-o a abrir mão de um pouco de sua onipotência em favor dos espíritos e a sacrificar um pouco de sua liberdade de ação, então esses produtos culturais constituiriam um primeiro reconhecimento da [Necessidade], que se opõe ao narcisismo humano. O homem primitivo estaria assim submetendo-se à supremacia da morte pelo mesmo gesto com que parecia estar negando-a”. (FREUD, 1988, p. 116)

Quando projetamos algo externamente, reconhecemos a existência de dois estados: algo que é diretamente fornecido aos sentidos e à consciência e outro em que a mesma coisa é latente, portanto capaz de reaparecer, de tal modo que passamos a reconhecer processos mentais inconscientes ao lado dos processos conscientes.

2.5 ANIMISMO: O PRIMEIRO MODELO DE COMPREENSÃO DA REALIDADE

O primeiro sistema de pensamento teria surgido da curiosidade sobre o fenômeno do sono e da morte. A curiosidade humana após a compreensão da finitude da vida, passou a demandar explicação para esse fenômeno. Como desenvolvido anteriormente, a primeira realização do homem é a criação de espíritos, o animismo. Considerado o primeiro sistema de pensamento, não por acaso é entendido no seu sentido mais restrito como a doutrina das almas, porém também na acepção mais ampla como doutrina dos seres espirituais. A maioria

dos estudiosos tende a interpretar os espíritos como almas que se tornaram independentes e as almas dos animais, vegetais e objetos em geral foram constituídas à semelhança da alma humana.

“O animismo é um sistema de pensamento” (FREUD, 1988, p.99). Permite entender todo o universo de um ponto de vista uno, isolado. Segundo Freud, a humanidade desenvolveu no passar das eras, três sistemas de pensamento, três representações do universo: animista, religiosa e científica. Segundo Freud o animismo pode ser compreendido como o mais coerente e completo sistema de pensamento, no entanto não é em si uma religião, embora contenha em si os fundamentos sobre os quais as religiões posteriormente foram criadas.

A criação do primeiro sistema de compreensão do universo tende a surgir de uma necessidade prática de controlar o mundo. Para entender tal controle sobre os seres vivos é necessário diferenciar magia de feitiçaria. A feitiçaria se refere à arte de influenciar espíritos, estabelecendo uma relação com eles da mesma forma que se relaciona com os humanos (apaziguando-os, corrigindo-os, submetendo-os a uma vontade). A magia, por sua vez, “despreza os espíritos e faz uso de procedimentos especiais e não dos métodos psicológicos do dia-a-dia” (FREUD, 1988, p.101). Ela se mostra como o aspecto mais primitivo e importante da técnica animista, tendo como função a proteção, a capacidade de conceder ao homem poder de afetar outros indivíduos, assim como submeter os fenômenos naturais à sua vontade.

Há os casos de magia em que se vê a relação entre o ato executado e o resultado esperado, tais como aqueles em que é evidente o recurso imitativo. Por exemplo, ao desejar a chuva deve-se fazer algo que se assemelhe à chuva, ou que faça lembrá-la. Na fase da religião, posterior ao animismo, serão feitas preces aos céus para que a chuva venha trazer a benção. Em outro grupo de atos mágicos, a semelhança é substituída pela afinidade. O último grupo de casos corresponde ao que Frazer denomina ‘contagiosas’. Agora não mais a semelhança é o foco, mas sim a lembrança, a contigüidade. Nessa magia os homens pensam que ao controlar seus pensamentos possam controlar também a ordem natural das coisas.

Os motivos que levaram o homem a fazer uso da magia são claros: seus desejos. Para realizá-los a magia passou a figurar como a ferramenta de intervenção na realidade. Os primevos viam no ato mágico o propulsor dos resultados desejados, determinando a ocorrência dos mesmos. Os primitivos são comparados às crianças no que tange à satisfação através de alucinações motoras, isto é, satisfação de desejos utilizando o próprio corpo. Por isso que Freud argumenta que a realização do ato mágico se desloca dos motivos para as

medidas, ou seja, o próprio ato. A dança é executada, pois há prazer nela, satisfaz a desejos do primitivo. O homem supervaloriza seus pensamentos, as coisas tornam-se menos importantes do que as idéias das coisas, não há distância para o pensamento, tudo pode ser abrangido num ato de consciência. “Pode-se dizer, então, que o princípio que dirige a magia, a técnica da modalidade animista de pensamento, é o princípio da ‘onipotência de pensamentos’” (FREUD, 1988, p.108).

A onipotência de pensamentos é mais claramente visível nas neuroses obsessivas, pois as conseqüências desse modo de pensar mais se aproximam do consciente, dessa forma sendo perceptíveis. Na vida dos neuróticos, apenas a ‘moeda neurótica’ é aceita no cotidiano. O que determina a formação de seus sintomas não é a experiência, mas os pensamentos. A onipotência dos pensamentos e a supervalorização dos processos mentais desempenham um referencial importantíssimo na vida dos neuróticos. Assim os neuróticos se assemelham aos selvagens por pensarem que podem alterar a realidade através dos pensamentos, ou seja, não distinguem o campo do real do campo imaginário.

Os atos obsessivos ou cerimoniais dos neuróticos têm um caráter inteiramente mágico. Consistem em pequenos arranjos, em certos atos triviais do dia a dia, que devem ser sempre realizados numa mesma ordem, sob pena de que alguma desgraça ocorra caso não sejam realizados. O paciente é tomado por tal nível de angústia que se sente impelido ou mesmo obrigado a cumprir com tais atividades ritualizadas, embora aparentemente destituídas de sentido. Freud exemplifica um típico cerimonial obsessivo que pode prolongar e complicar o simples ato de deitar-se.

...a cadeira deve ficar numa determinada posição ao lado da cama, as roupas colocadas sobre a mesma numa determinada ordem, o cobertor preso embaixo do colchão e o lençol bem esticado, os travesseiros arrumados de maneira especial, e o corpo da pessoa deve adotar uma posição bem determinada. Só depois disso tudo ela poderá dormir. Em casos leves, o cerimonial parece ser nada mais do que a intensificação de hábitos ordeiros muito justificáveis; é a especial consciência que cerca sua execução e a ansiedade que surge com qualquer falha que lhe dão o caráter de “ato sagrado”. (Freud, 122, 1907)

A princípio a diferença entre o cerimonial obsessivo e o religioso estaria no caráter privado, individualizado, absurdo e sem sentido do primeiro e o caráter público, compartilhado e cheio de simbolismos do segundo. Freud, no entanto, mostra com a experiência clínica que todos os atos obsessivos possuem um sentido e podem ser interpretados simbolicamente. O obscuro é o que está entre a ocasião em que a angústia surge e o perigo que ela provoca. O cerimonial surge como uma medida protetora, portanto, um ato

de defesa por um lado contra a tentação de executar algo proibido e por outro, como proteção contra o mal esperado. Essas medidas de proteção nunca são completamente suficientes exigindo cada vez mais proibições.

A neurose obsessiva com os seus sintomas e atos obsessivos, na verdade, funcionam como uma tentativa de conciliação entre forças opostas. Essas manifestações obsessivas reproduzem de alguma maneira uma parte daquele prazer que pretendiam evitar, e servem tanto àquilo que foi recalcado quanto às instâncias que a estão recalçando.

A formação de uma religião também se apóia na renúncia de certos impulsos, haja vista o sentimento de culpa que resulta de uma tentação incessante e a angústia que aparece do medo da punição divina. Os atos de penitência efetuados pelos indivíduos crentes que recaíram no pecado apontam para o caráter interminável da pulsão. Tais atos encontram sua correspondência na neurose obsessiva. Freud considera a “neurose obsessiva como o correlato patológico da formação de uma religião, descrevendo a neurose como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal.” (Freud, 130, 1907)

Retomando a idéia anterior, observamos que a onipotência de pensamentos tem importância e caráter diferenciado em cada uma dos sistemas de compreensão do universo. Na fase animista há a onipotência de pensamentos, já na fase religiosa essa onipotência é transferida para os deuses de forma apenas parcial, de modo que uma parte permite aos crentes influenciar as divindades através de expiações e atos cerimoniais. O sistema científico, porém, difere radicalmente das posições anteriores pois não admite a onipotência humana. Nessa forma de visualizar o universo, o homem reconhece sua insignificância em relação à natureza e a finitude da vida. Birman com propriedade esclarece essa transição:

A humanidade teria passado de uma idade originariamente mágica para a idade científica, pela mediação religiosa. A insegurança do homem diante da natureza, pela imponderabilidade desta e pelo desconhecimento humano das forças que a regem, colocaria necessariamente o homem frente à demanda de apelar para o mundo do além, justificando então o período religioso da história da humanidade. (BIRMAN, 1988, p. 125)

O animismo é, portanto, uma imagem psicológica do mundo, não tendo qualquer base científica. O primitivo via o mundo como algo semelhante, normal como ele mesmo se sentia ser. Ao ver a chuva determinava sua presença unicamente pelo seu desejo, era senhor de si mesmo, de tudo o que via e presenciava. Dessa forma, estendia tal compreensão da onipotência para todas as coisas a sua volta. A magia, técnica do animismo, impõe as leis que regem a vida mental às coisas reais. Ela garante onipotência apenas para os pensamentos. O

animismo, porém, garante certo poder aos espíritos, preparando o caminho para a criação de uma religião. No próximo capítulo entenderemos porque a religião só poderia nascer com a perspectiva animista do mundo, tendo como primeiro produto o totemismo.

3 DO TOTEM A DEUS

3.1 TOTEMISMO: O INÍCIO DA RELIGIÃO

Pelo aspecto cultural podemos compreender o totemismo como um sistema que preparou o caminho para uma civilização mais adiantada, que fez a transição entre os homens primitivos e os deuses e heróis da fase religiosa. O totem é um objeto que tem valor supersticioso para o primitivo que acredita que entre ele e esse objeto existe uma relação intrínseca, íntima e respeitosa. A relação entre o homem e seu totem se dá na media em que o totem protege o homem e este demonstra valorizá-lo não o matando, caso seja um animal, ou não o comendo ou o cortando, caso seja um vegetal.

Os totens podem pertencer a três tipos diferentes. O primeiro se refere ao totem do clã, comum a todos. O segundo tipo é o hereditário, que é passado de geração em geração, enquanto o terceiro é o totem que pertence somente a um indivíduo.

O totemismo constitui não só uma religião, pois o totem é considerado a maior das divindades e representa o poder acima dos homens, como também um sistema que fornece as bases de uma organização social caracterizando relações entre os pertencentes a uma certa tribo, unindo-os por uma série de hábitos, cerimônias e práticas culturais.

No tempo desses homens primevos o totem era tratado como um membro da tribo, devendo ser enterrado de maneira igual a qualquer outro. A exogamia era a maior das proibições, devendo ser cumprida irrestritamente. Apenas as mulheres herdavam os totens e não era permitido aos membros de um mesmo clã terem relações sexuais.

A origem do totemismo pode ser explicada a partir de três perspectivas. Primeiramente a nominalista, que atribui o surgimento do totemismo à vontade das tribos de se distinguirem umas das outras através do uso de nomes diferenciados. As teorias sociológicas admitem que a identificação entre o totem e a tribo é produto primeiramente da própria relação entre ambos. A importância do animal totêmico exemplifica bem essa questão, pois ele é sempre algo que cuida da sobrevivência dos indivíduos de uma tribo ao servir de alimento ou de escambo. A partir dessa ligação ocorre uma identificação tão forte que passa a ser reconhecida, inclusive, por outras tribos, tal qual um grupo que vivesse em uma área com muitas águias, sendo esse animal importante para sua subsistência, passaria a reconhecê-lo como um símbolo que representaria aquele determinado grupo. Por último, as teorias psicológicas consideravam o totem como um lugar de refúgio em que a alma poderia ser depositada.

O totemismo aparece como um sistema que ocupa o lugar da religião para certas tribos da América, África e Ásia. Ao lembrarmos o mito criado por Freud podemos inferir o totemismo como a primeira tentativa de formar um pacto com o pai após sua morte, no qual ele lhes prometia cuidado e resguardo, enquanto os primevos se comprometiam a respeitar-lhe a vida sob a figura de um totem, não repetindo o ato que promoveu a morte do pai original. Cabe lembrar que o totem é um substituto do pai, portanto manter uma boa relação com o mesmo resulta na diminuição do sentimento de culpa. Freud coloca que o surgimento da religião pelo sentimento filial de culpa teria originado a necessidade do relacionamento com o animal totêmico, a fim de amenizar o remorso pelos atos cometidos pelos primevos ou seus ancestrais.

A religião totêmica surgiu como um sentimento filial de culpa, num esforço para mitigar esse sentimento de apaziguar o pai por uma obediência a ele que fora adiada. Todas as religiões posteriores são vistas como tentativas de solucionar o mesmo problema. Variam de acordo com o estágio de civilização em que surgiram e com os métodos que adotam; mas todas têm o mesmo fim em vista e constituem reações ao mesmo grande acontecimento com que a civilização começou e que, desde que ocorreu, não mais concedeu à humanidade um momento de descanso (FREUD, 1988, p.173).

Um aspecto importante da religião totêmica é a presença da ambivalência a todo o momento, ou seja, a expiação dos crimes cometidos contra o pai e a felicidade dos filhos pelo êxito do assassinato do mesmo. A refeição totêmica tem origem justamente na necessidade dessa rememoração dos filhos e do contentamento que foi gerado pela morte do pai. Dessa forma, a ambivalência está implícita no complexo-pai que se mantém no totemismo e nas religiões. Nos cerimoniais, nos laços de sangue, nas ações de solidariedade, está evidente a tentativa de demonstrar respeito e afeto pelos co-irmãos, de forma a impedir que o que se deu com o pai pudesse acontecer novamente. A proibição contra a morte do totem somou-se à proibição contra o fratricídio. Inicialmente, a proibição foi estendida apenas aos membros da mesma tribo e com o passar do tempo ganhou maior proporção, culminando no mandamento “Não matarás”. A ordem patriarcal inicial foi substituída pela ordem fraterna.

De acordo com essa linha de pensamento a religião se constituiu do sentimento de culpa e do remorso subsequente, gerando uma série de penitências. Assim, podemos entender que a exogamia e o totemismo tiveram uma origem concomitante, pois com a elevação do pai a totem, através de um animal representativo, houve a inserção da lei contra o incesto justamente para que o crime não fosse cometido novamente. O sentimento de culpa, sob a

forma de respeito e submissão à ordem do pai, visa reeditar a relação dos primitivos com o progenitor, agora, de forma indireta através do totem.

3.2 A REFEIÇÃO TOTÊMICA

Segundo Robertson Smith a refeição totêmica era parte integrante do sistema totêmico e é de importância vital para sua compreensão. Primeiramente iniciaremos o assunto tratando de forma geral dos sacrifícios religiosos, através de estudos antropológicos de tribos primevas, para lançar o olhar sobre a importância do cerimonial ser realizado em comunhão e de forma solene.

O sacrifício no altar é uma característica das antigas religiões. Pode ser encarado como um ato de demonstração da união entre a divindade e os seus fiéis. A oferenda mais antiga e recorrente era o sacrifício da carne dos animais totêmicos. O sacrifício era uma cerimônia de valor singular, que mobilizava todos os pertencentes à tribo, sem exceção. O sacrifício demandava um festim, que representava um momento de felicidade e união entre os adoradores e seu deus. O ato de comer e beber conjuntamente possuía um significado de confiança e companheirismo, que rechaçava o sentimento de obrigações sociais mútuas entre os primevos.

Nas sociedades primitivas havia apenas um laço inviolável, que era o do parentesco. Portanto, a refeição sacrificatória ocorria pelo menos em princípio, apenas no seio familiar. O animal só poderia ser sacrificado caso todos os membros estivessem juntos, de modo que o ritual fosse pactuado entre todos, assim como todos deveriam comer a carne do animal sacrificado. O animal em questão era tratado como um membro da tribo, como explicita Freud “a comunidade, sacrificante, o deus animal e o animal sacrificado eram do mesmo sangue e membros de um só clã” (FREUD, 1988, p.164). Podemos observar então, como se dá a compactuação do pecado, já que o animal totêmico era tratado como divino, não poderia ser morto e, no entanto, é oferecido à santidade pela comunidade pecadora. A ação somente poderá ser realizada caso todos os membros estejam de acordo, já que se trata do rompimento do tabu, que ao ser acordado entre todos, não corre o risco de provocar punição sobre os transgressores.

Poderia se perguntar então o motivo do ato sacrificatório, o que gera a necessidade desse cerimonial? Freud argumenta que é a única forma de criar e manter o vínculo de união dentre os adoradores e seu deus. Portanto, a refeição sacrificatória se mostra como uma espécie de contrato que necessita ser renovado de tempos em tempos, para que o pacto entre

os fiéis e seu deus se mantenha. Nesses cerimoniais, primeiramente o animal era pranteado, sendo seguido de momentos de felicidade e alegria, um momento festivo.

A psicanálise demonstrou que o animal totêmico é o substituto do pai e portanto, é contraditório que a morte do animal seja permitida. Percebe-se então, que a ambivalência não perde suas características ao ser deslocada para os animais. O desejo de transgredir o tabu e assassinar o animal em questão se mantém vigentes, assim como no cerimonial há alegria e pranteamento.

Relacionando a refeição totêmica com o mito da morte do pai primevo, os filhos que se sentiam oprimidos pelo pai, ao matarem o progenitor, comem sua carne. Ao se alimentarem do pai, se identificam cada vez mais com ele, cada um deles adquirindo uma parcela de sua força. *A refeição totêmica seria então, um ritual que fizesse alusão e comemoração a esse ato criminoso, que determinou o começo da organização, das restrições morais e da religião.*

Dessa forma, o amor nutrido pelos filhos no sentimento ambivalente em relação ao pai aparece sobre a forma de remorso após o assassinato do tirano. O remorso aparece na medida em que a ação não gerou satisfação completa aos executores, de modo que fora executada em vão. Nenhum dos filhos conseguiu tomar o lugar do pai e o fracasso é muito mais atrativo a uma reação moral que a satisfação. O pai morto havia se tornado mais forte agora do que quando vivo, já que anularam o próprio ato proibindo a morte do totem, que substitui a figura do pai e a renúncia ao monopólio das mulheres. Os irmãos perceberam que a luta pelo monopólio das mulheres proporcionaria uma matança sem precedentes, gerando o fim daquela comunidade.

3.3 FASES RELIGIOSAS

A partir da idéia que a religião teria tido como fase inicial o totemismo, a questão se volta para a formação de Deus. No início, podemos admitir que o pai era o próprio animal totêmico. Posteriormente, a figura do pai será transmutada para Deus passando a ter corporificação humana. Isso provavelmente aconteceu em meio a uma série de mudanças culturais e comportamentais, originando-se principalmente da ‘saudade’ dos primevos de seu pai. Certamente como tentativa de se aproximar cada vez mais dele, assemelhando-se a ele. A diminuição do remorso pelo crime cometido para com o pai possibilitou essa modificação na forma de conceber Deus, dando-lhe uma aparência similar a de seus adoradores. Com o surgimento das divindades paternas foi permitido o retorno de uma sociedade patriarcal, dado que a noção de paternidade num âmbito familiar foi autorizada, porém sem jamais perder as

conquistas do clã fraterno, mantendo distante o poder dos pais do antigo pai primevo possuidor de todos os direitos.

Assim sendo, a passagem do tempo gerou a perda do caráter sagrado do animal, dado que os seres humanos demandavam maior similaridade com a figura representada pelo pai, em razão da saudade que possuíam do mesmo, e o sacrifício totêmico passou a um festim, uma simples oferenda à divindade num ato de renúncia em favor de seu deus. Nesse momento, os reis divinos aparecem na estrutura social, transformando o Estado em um sistema patriarcal. Agora, os filhos se sentem cada vez menos culpados pelo cerimonial sacrificatório, já que era demandado apenas pelo Deus. Segundo a percepção de Freud, a substituição de uma certa classe de deuses por outros, é causada por uma imposição por outra cultura ou uma evolução psicológica. Quanto ao sacrifício dos cerimoniais, os animais foram substituídos por humanos, dado que representavam o deus, antigo pai, que agora possui aspecto humano, necessitando de sacrifícios também humanos.

Ao investigar sobre a tragédia grega, Freud considera que o começo da religião, da moral, da sociedade, da arte se dá a partir do Complexo de Édipo. Todo o raciocínio psicanalítico em geral é baseado na premissa de que o sentimento de culpa pela morte se manteve ao longo de gerações por milhares de anos e se mantém até hoje, porém no inconsciente da geração atual.

Através da introdução do bebê na ordem simbólica, constituindo-se como sujeito, ocorre cada vez mais a humanização do pai, dado que a criança passa a reconhecer que há lacunas que o pai da infância não pode preencher, o que significa justamente o reconhecimento de maiores perigos e incertezas da vida. Assim, é demandado um pai mais poderoso do que o pai infantil e que oferte o que nenhum pai conseguiria. Apenas o deus-pai, a imagem neurótica, poderá ofertar ao desamparado aquilo que deseja. Ferreira (1988) aborda essa questão afirmando que “enquanto o homem não se torna ‘deus’, o fenômeno religioso há de ser expressão maiúscula de um anseio fundamental da pessoa humana, o de se situar no mundo com ‘algum sentido e alguma direção’” (FERREIRA, 1988, p. 145). Podemos entender esse fragmento como a busca de um sentido de vida para os sujeitos, tentando diminuir a angústia que a incerteza da vida provoca, já que nos visualizamos figuras mortais e insignificantes, reféns da vontade dos deuses criados por nossos próprios desejos.

A religião cristã, como expõe Freud, caracteriza o assassinato do deus-pai, na qual o pecado original (morte do pai primevo) só pôde ser perdoado através da expiação pelo próprio homicídio de Jesus Cristo. A lei de talião, na qual um crime de homicídio só poderia ser totalmente expiado através do homicídio do infrator, é marcante da natureza humana. Dessa

forma, um assassinato que venha a ser cometido só pode vir para compensar um preexistente, no caso o do pai primordial. Para ratificar a cristandade como exemplo de expiação, se demonstra a ambivalência no cerimonial de oferecimento do filho (Jesus) ao pai, na forma de sacrifício. Por um lado, era a pura demonstração de remorso e tentativa de reconciliação com o pai, por outro, demonstrava o sentimento dos demais de se colocarem como o pai, no lugar de Deus, ao cometerem o crime de assassinar um de seus co-irmãos. Assim, a religião filial se transformava em religião paterna.

A lei de talião é uma lei de criação do povo judeu e é usada por Freud para justificar a necessidade de oferecer um dos irmãos para reatar laços com o pai. A ação de sacrificar um dos irmãos como necessidade de realizar um cerimonial sagrado, remonta também à própria necessidade de infringir a lei determinada, agora porém, com o consentimento dos irmãos, já que do contrário poderia gerar uma matança sem precedentes.

3.4 RELIGIÃO E NARCISISMO

Através de um estudo atento do texto, é perceptível a presença marcante das fases do narcisismo no desenvolvimento das religiões. Para conseguir estabelecer relações entre a evolução da religião e sua ligação com o narcisismo é preciso esclarecer do que se trata esse termo.

Narcisismo diz respeito ao amor que o sujeito atribui a si mesmo, ao próprio corpo. O narcisismo, segundo Laplanche, se caracteriza “por um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido em si mesma” (LAPLANCHE, 1967, p. 368). A criança descobre seu corpo durante o início de sua vida e se apropria dele, descobrindo-o como seu pertence. Portanto, suas pulsões tomam o corpo como objeto e o catexiam, de forma a manter permanentemente investimento sobre esse objeto recém descoberto. Freud chega a considerar que a fase narcisista nunca é totalmente abandonada, um ser humano permanece até certo ponto narcisista, mesmo depois de encontrar objetos externos para satisfação de seus desejos. Podemos, portanto, entender de onde provém tamanha confiança dos primitivos e neuróticos em seus pensamentos.

Através da relação entre os povos primitivos e o narcisismo, podemos traçar semelhanças interessantes entre as mudanças ocorridas na religião e no desenvolvimento narcisista. A fase animista corresponderia à narcisista, a fase religiosa corresponderia à fase de escolha do objeto, que tem como característica a ligação afetiva da criança com os pais, na fase científica, o indivíduo alcança a maturidade, renuncia ao princípio de prazer (necessário

para a entrada do sujeito na ordem social) e passa a procurar no mundo externo objetos que satisfaçam seus desejos.

Ao estudar no texto o valor que os primitivos davam à onipotência de pensamentos, podemos considerar que sentimentos têm valorações similares a atos. Levemos então esse pensamento também para a relação ambivalente que envolve a hostilidade ao pai e o anseio pela mãe. A organização narcisista caracteriza uma supervalorização dos atos psíquicos, denotando que só o desejo de matar e comer o pai já teriam sido suficientes para produzir uma reação moral que criaria os tabus, os totens, as práticas religiosas e suas penitências.

A partir do momento que o sentimento de culpa pela morte do pai e desejo incestuoso pela mãe foram se tornando menos intensos, a figura do totem, representado pelo animal, até pela semelhança que ocorre entre animais e crianças, pôde dar lugar à imagem de um deus corporificado, semelhante aos homens. O suposto crime, de ordem estritamente psicológica, se tornava tão longínquo que a reimaginação da figura de Deus, no aspecto humano, não lhes traria remorso.

4 CONCLUSÃO

Pelo estudo do texto podemos considerar que a principal demanda da religião sempre foi e sempre será diminuir e apaziguar o desamparo na infância, suportado pelo pai. Com o desenvolver da vida da criança, ocorre o processo de inserção na sociedade (Complexo de Castração) adquirindo uma nova visão do mundo e da realidade necessitando, por conseguinte, um pai todo-poderoso, que lhe possa diminuir a angústia criada pela falta de proteção e incerteza da vida. O pai da infância também não é pleno em suas funções, mas consegue corresponder de forma satisfatória à criança.

Podemos assimilar que em grande parte das obras consultadas, seja do campo filosófico, através de Marx e Nietzsche, ou pelo psicológico de Freud, apontam, ou pelo menos ressaltam a necessidade da religião como tentativa de aliviar, diminuir, restringir e aplacar a dor (angústia, no caso da psicanálise) que é gerada pela incerteza, o medo e o desconhecimento. A natureza se mostra tão forte sobre os homens, que estes tentam através da súplica a um ente semelhante ou que possuam alguma identificação (animal que comiam ou comercializavam como consta nos estudos de Freud) ou que compartilhem de suas características (segundo Nietzsche um povo tem em seu deus a demonstração de suas próprias singularidades, um povo guerreiro terá um deus que ama guerra, um povo da paz terá uma divindade que prega a harmonia) ou que construam uma ponte de comunicação entre o eles e a incerteza que os cerca (Marx credita a religião à uma necessidade do homem de tentar se relacionar com aquilo que se mostra tão superior e incontrolável diante dele).

Focando nos estudos de Freud, percebemos que no texto *O Futuro de Uma Ilusão* (1988) Freud conclui que a necessidade do pai configura um motivo idêntico às necessidades resultantes da debilidade humana. A religião nasce justamente do reconhecimento do desamparo infantil pelo adulto. A proteção e a demanda pela reconciliação com o pai estão juntas e são, portanto, complementares. Essas assertivas porém, advêm do principal texto abordado nesta monografia, que talvez contenha as mais importantes formulações de sobre sua afirmação da morte e volta do pai primitivo assassinado. De acordo com essas afirmações, Nicéas ratifica “Freud, ele próprio, não nos confessou, um dia, guardar a impressão de já ter dito o essencial de sua descoberta nas linhas de *Totem e tabu?*” (1988, p.213)

A religião se baseia da fragilidade e impotência do homem diante do desconhecido. Em consonância com o tema, o filósofo grego Epícuro formulou um dizer que retrata a perspectiva humana em relação à religião, esta é ‘onde houver medo, haverá religião’. O medo nasce da dúvida, da incerteza, já que o homem tudo tenta conhecer, para evitar os

perigos que possa sofrer. Assim a religião se configura como resposta para o incômodo que representa a incerteza da vida, das relações sociais, da morte. É do medo dos perigos a que estamos expostos (desamparo infantil) e o medo de perder aquilo que tanto amamos (tentativa de reconciliação com o pai) que nasce a necessidade da religião.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNO, N.- *História da Filosofia volume 9*, 4ª Ed. Lisboa: Editorial Presença, 2000.

BARRA, M.B.- *Culpa crime e castigo, percurso do sujeito do crime*, dissertação de Mestrado em Psicanálise, Departamento de Psicologia da UERJ, 2004.

CHEMAMA, R.- *Dicionário de Psicanálise*, EDITORA ARTES MÉDICAS SUL LTDA, 1995.

FREUD, S.- *Freud & a Religião*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2003

FREUD, S.- *O Futuro de uma Ilusão* (1927), in *Obras Psicológicas Completas*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, vol XXI.

_____ - *Totem e Tabu* (1913[1912-13]), op. cit., vol. XIII

GIACOIA JUNIOR, O. – *Nietzsche & para além do bem e do mal*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2005.

GIACOIA JUNIOR, O.- *Nietzsche e o Cristianismo*, In *Revista Cult* nº88, Rio de Janeiro, 2005.

GINZBURG, C.- *O queijo e os vermes*, São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

LAPLANCHE, J- *Vocabulário da Psicanálise*, São Paulo, Martins Fontes Editora, 1986

LÖWY, M.- *O marxismo e religião: Ópio do povo ?*, In *A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas*, São Paulo, Expressão Popular 2007.

MASSON M.- *O ópio e o real*, In *Revista Cult* nº88, Rio de Janeiro, 2005.

MÉSZÁROS, I.- *A teoria da alienação em Marx*, São Paulo, Boitempo, 2006.

MOURA, J.- *Hélio Pellegrino A-deus*, Rio de Janeiro, Vozes Editora, 1988.

NIETZSCHE, F.- *O anticristo*, São Paulo, Companhia das Letras, 2007